

A Sinfonia da Gnose: Uma Auto-Definição da Tradição Ismaelita Ginān¹

Shafique N. Virani
University of Toronto
shafique.virani@gmail.com

Abstract

The gināns are a corpus of South Asian Ismaili religious literature. Their subject matter ranges widely, and includes such topics as divine love, cosmology, meditation, ritual practice, eschatology and ethical behaviour. The word “ginān” is ultimately derived from the Sanskrit root *jñāna* and is etymologically related to the Greek word γνῶσις or gnōsis, which has derivatives in many languages. Several scholars have noted the dual significance of the term ginān among the Ismailis as referring both to their sacred literature as well as to gnosis. This comprehensive study explores the purport and use of the word “ginān” in the ginān tradition itself. As most gināns are recited in particular melodies, this study of the ginān tradition is inspired by the organization of the traditional symphony. An extended composition in Western classical music, a symphony is often divided into four movements. Similarly, this study of the “Symphony of Gnosis” is composed of four sections, each exploring different aspects of how the ginān tradition defines itself

Keywords: Ismaili, Ginan, Sufism, Bhakti, South Asia, Imam, Shia, Gujarati, Sindhi, poetry

¹ Traduzido por Aida Jordão e Nuno Cristo com apoio de Michael Martins

O Guia Verdadeiro proclama:
 À minha chegada, tomo o lugar no domicílio do coração
 E todas as setenta e duas câmaras estremecem com a música divina.
 A escuridão da noite é dissipada pela vigília
 Quando a Sinfonia da Gnose começa...²

Esta estrofe fascinante encontra-se num texto místico medieval ismaelita sudasiático. A estância é particularmente reveladora porque o termo traduzido aqui como gnose, *ginān*, num uso aparentemente único entre os ismaelitas, também se refere a um corpus de literatura esotérica venerada por eles.³ Portanto, para os ismaelitas, a Sinfonia da Gnose representada neste verso não é senão a sinfonia da sua literatura sagrada, os *gināns*.

Segundo os textos ismaelitas, a abertura preambular da ‘sinfonia’ começou num tempo antes do início da criação. Uma obra do século XV, diz-nos que, na escuridão abismal da pré-eternidade (*dhandhukār*), quando as estrelas nebulosas que compõem as galáxias não se tinham ainda formado, O Incompreensível estava envolto em profunda contemplação. Antes do levantar das cortinas do cosmos, ele revelou a sua gnose eterna (*amar ginān*) ao Guia Verdadeiro. Desenvolveu-se então um concerto celestial em que o Guia Verdadeiro se tornou o maestro duma Sinfonia da Gnose e deu início à sua convocação para o Caminho da Verdade (*satpanth*), chamando todas as almas para a salvação através de *ginān*.⁴

A crença numa sabedoria esotérica pré-eterna ou gnóstica na posse da família do Profeta (*ahl al-bayt*) tem sido uma característica do Islão Shi‘i desde a sua origem.⁵ O ramo ismaelita do xiismo em particular era conhecido pelas suas actividades de proselitismo (*da‘wa*) e apelo ao conhecimento herdado (*‘ilm*) da sua linhagem de Imãs. A tradição ismaelita mantém que pelo menos desde o tempo do império de Fatimida no Egipto, os Imãs ismaelitas enviaram os seus proponentes, os *dā‘īs*, ao subcontinente indiano para a

² *Saloko Mofo*, e. 105.

³ A este respeito ver Christopher Shackle e Zawahir Moir, *Ismaili Hymns from South Asia: An Introduction to the Ginans* (Londres, 1992), p. 17. É claro que a palavra *ginān* também é usada neste sentido por outros grupos, tais como os Imām Shāhīs. No entanto, estes são grupos minoritários que se separaram do principal movimento ismaelita e por isso o uso do termo *ginān* neste sentido específico pode ser ainda considerado exclusivamente ismaelita.

⁴ *Sat Veñī Nānī*, c. 3.

⁵ Shafique N. Virani, ‘Ahl al-Bayt’, *Encyclopedia of Religion* (2ª ed.), ed. Lindsay Jones (Detroit, 2005), vol. 1, pp. 198-199.

propagação e exposição do *Satpanth*, o Caminho da Verdade.⁶ Estes *dā'īs* procuraram alertar a espécie humana para um reconhecimento da supremacia espiritual da família do Profeta. Esta actividade continuou quando o ramo Nizāri de imãs se mudaram para o forte de Alamūt em 1094 e manteve-se mesmo depois do ataque mongol que erradicou este estado ismaelita em 1256. Entre os *dā'īs* enviados havia vários indivíduos cujos nomes aparecem na lista tradicional de *pīrs*, ou representantes máximos dos imãs. Na hierarquia ismaelita, eles ocupam o lugar abaixo do próprio Imã. Os ismaelitas atribuem a certos *pīrs*, e alguns familiares e descendentes, as obras conhecidas por 'gināns'. Este corpus de literatura esotérica, escrito em prosa e poesia, inclui 1000 composições ainda existentes. Os gināns variam em comprimento de três versos a centenas de páginas, e tratam de uma grande variedade de temas incluindo amor divino, cosmologia, meditação, prática ritualista, escatologia e comportamento ético.⁷

Embora académicos anteriores tenham apontado para o duplo significado do termo ginān entre os ismaelitas, referindo-se tanto à sua literatura sagrada como à gnose, está ainda por realizar um estudo abrangente do significado e uso desta expressão na própria tradição ginān. É esta lacuna que este trabalho pretende preencher.

Na sua maioria, os gināns poderão contar a sua própria história, em tradução directa ou em paráfrases de passagens seleccionadas. Praticamente todo o corpus ginānico existente foi analisado para este estudo. Todas as referências das mais de cinquenta composições originais citadas encontram-se nas notas. Ao estudar o uso do termo ginān nos próprios gināns, tentaremos compreender como é que a tradição se define a si própria.

⁶ Algumas fontes indíco-ismaelitas, tal como o *Ghaṭ Pāt Duā* de Pīr Ṣadr al-Dīn, datam o período desta actividade de propagação anteriormente, no tempo de Imām Ismā'īl b. Ja'far. Esta afirmação é algo corroborada no testemunho do autor do século XIII, 'Alā al-Dīn 'Aṭā-Malik b. Muḥammad al-Juwaynī. Ver S.M. Stern 'The Early Ismā'īlī Missionaries in North-West Persia and in Khurasan and Transoxiana,' *BSOAS*, 23 (1960), pp. 85-87. Stern, no entanto, acha esta informação suspeita. Não obstante, nós sabemos de forma fiável da jurista de Fatimid al-Qāḍī al-Nu'mān's *Ifṭitāḥ al-da'wa*, ed. W. al-Qāḍī (Beirute, 1970), pp. 45.47, que logo após estabelecer uma base ismaelita no Iémen em 883, Abu'l-Qāsim b. Ḥawshab 'Manṣūr al-Yaman' enviou o seu sobrinho, al-Haytham, para espalhar o ismaelismo em Sindh.

⁷ A melhor introdução à história do ismaelismo *Satpanth* continua a ser *The Nizārī Ismā'īlī Tradition in the Indo-Pakistan Subcontinent* de Azim Nanji (Delmar, NY, 1978). A história posterior deve ser suplementada pela obra deste mesmo autor, 'The Voice of Truth: Life and Works of Nūr Muḥammad Shāh, a 15th/16th Century Ismā'īlī Mystic' (Tese de mestrado, McGill University, 1995). O período anterior foi estudado em Tazim Kassam, *Songs of Wisdom and Circles of Dance: Hymns of the Satpanth Ismā'īlī Muslim Saint, Pīr Shams* (Albany, NY, 1995). *A Scent of Sandalwood* de Aziz Esmail (Londres, 2002) e a colecção dos artigos previamente publicados de Ali Asani, intitulada *Ecstasy and Enlightenment* (Londres, 2002), são duas contribuições recentes que contêm bibliografias actualizadas.

A palavra *ginān* e as suas variantes *gyān* e *gnān* são fundamentalmente derivadas da raiz sânscrita *jñāna*, que Seyyed Hossein Nasr traduziu eloquentemente como “sabedoria suprema”. Nasr observa ainda que “o termo *jñāna* implica o principal conhecimento que conduz à salvação e está relacionado etimologicamente com *gnose*, a raiz *gn* ou *kn* significando conhecimento em diversas línguas indo-europeias, incluindo inglês.”⁸ Wladimir Ivanow, geralmente considerado o pai dos estudos modernos ismaelitas, comenta sobre o uso particular deste termo entre os ismaelitas do subcontinente: “É usado no sentido de o conhecimento, ou seja, o real e verdadeiro, como o termo árabo-ismaelita *haqā'iq*.”⁹ Tendo em conta a relação tanto conceptual como etimológica entre as palavras *ginān* e *gnose*, estas serão usadas de maneira alternada neste trabalho; no entanto, o termo *ginān* será usado exclusivamente em referência às próprias composições poéticas, visto que para usar o outro termo seria necessário a invenção de uma expressão como ‘texto-gnose’. Todavia, de um modo geral, sempre que um dos termos é usado, o outro está igualmente implicado.

Uma vez que a sinfonia tradicional é frequentemente dividida em quatro movimentos, também este estudo da Sinfonia da Gnose é composto de quatro partes. A *sonata* é uma exploração do emergir da alma do ventre da gnose. Os textos ismaelitas consideram que neste estado, as almas ainda por nascer possuem conhecimento supremo. Depois de ser tocada pelo *ginān* no ventre e jurar um pacto sagrado ao Guia Verdadeiro, a alma entra no mundo físico. Aqui, fica desorientada pelo seu ambiente extasiante e entra num sono profundo de ignorância. As tentações da existência terrestre fazem com que se esqueça do seu estado elevado, do seu pacto e do *ginān* com o qual foi dotada. No entanto, dos seus mais profundos recessos ouve-se a música celestial que emana do Grande Gnóstico. Esta encantadora melodia faz surgir no seu seio uma profunda nostalgia pela sua origem perdida e a alma procura o Guia Verdadeiro. No seguinte movimento, o *andante*, a alma encontra o Guia Perfeito, a encarnação suprema do Grande Gnóstico. Ele exige a submissão e devoção incondicional e absoluta da alma. Isto provoca uma revolta na alma iludida, que agora já adquiriu um sentido de ego. Só quando este ego se submete ao Guia é que a alma pode de novo ser liderada pelo *ginān*. O *scherzo* conduz a sinfonia a um crescendo enquanto a alma descobre no *ginān* um significado escondido e a vida eterna. Os

⁸ Seyyed Hossein Nasr, *Knowledge and the Sacred* (Edimburgo, 1981). pp. 7, 50 n° 14.

⁹ Wladimir Ivanow, ‘Satpanth’ em *Collectanea* (Leiden, 1948), vol. 1, pp. 2, n° 1.

ginâns afirmam ter um conhecimento esotérico incomensurável. Nada poderá ser ganho sem investigar para além do seu significado aparente. Assim como a enfabulada pedra filosofal tem o poder de transmutar metais básicos em ouro, também a realização do coração sempiterno dos ginâns ressuscita a alma receptiva à vida eterna. De facto, o Senhor mora dentro do ginân. Por isso, uma vez que a alma alcança esta gnose, sente a imensa alegria da Luz Divina (*nūr*) e a visão beatífica (*dīdār*) do seu querido Mestre. A sinfonia conclui no *finale*, uma consumação da gnose em que os instrumentos são postos de lado e há só silêncio, mas em que a música mística continua tocando.

Sonata: Emergência do Ventre da Gnose

Ó querida criatura, na altura em que habitaste o ventre,
Foste imbuída com gnose...¹⁰

Os ginâns consideram que a estadia da alma no ventre tem um profundo valor porque nesta altura a alma é dotada de conhecimento supremo, de ginân. Enquanto permanece neste estado de gnose, algo de grande importância acontece na vida da alma por nascer. Ela é contactada pelo Senhor da Ressurreição (*kāyam*, Ar. *qā'im*)¹¹ que lhe pede que apresente o seu juramento sagrado (*kol*, Ar. *qaul*; Sc. *vachan*). Assim o pacto é consagrado, prendendo para sempre a alma-gnóstica ao seu Senhor.¹²

Este encontro dramático encontra inspiração no entendimento místico de um trecho paralelo no Alcorão, 7:172, onde o Onnipotente convoca os ainda inexistentes descendentes de Adão e pergunta, ‘Não sou eu o vosso Senhor?’ (*alastu bi rabbikum*). As almas por nascer selam o pacto respondendo afirmativamente, ‘Sim, nós o testemunhamos!’ (*balā shāhidnā*). A revelação islâmica chama a atenção para o pacto sagrado com receio que as crianças de Adão “diguem no Dia da Ressurreição, ‘Vede! Não tínhamos conhecimento disto!’”

¹⁰ *Hojīre parānī jāre tuṃ gīrabhā thān vasanto*, vol. 5, p. 117, e. 1.

¹¹ Neste estudo, as palavras ginânicas cuja origem não é imediatamente aparente são seguidas por uma anotação que contém a forma clássica árabe, persa ou sânscrita, como for o caso.

¹² *Juḥīre dunīyā tame kāṃi bhulo*, vol. 1, p. 118, e. 2; *Gurajīe rachanā rachāvēā*, vol. 2, p. 118, e. 4.

Mas, contam-nos os gināns, apesar de estar assim sujeitada, quando entra neste mundo sedutor, a alma ilude-se e esquece-se do seu pacto primordial e da gnose com que foi confiada.¹³ O encanto do mundo corpóreo, apelidado o vinho de Satanás (*sharāb shaytānī*) pelos gināns, intoxica a alma e afasta a gnose do coração.¹⁴ Enquanto as pessoas se arrependem de beber vinho feito de uvas, não têm nenhuma inibições de tragar o vinho mais pernicioso de Satanás. Assim iludida, tendo afastado o ginān, a alma perde a consciência do seu estado elevado. Assim como um leão poderoso cuja prolongada convivência com cabras fá-lo esquecer a sua própria natureza, também a convivência com o mundo físico faz a alma cair num estado de ignorância e egoísmo que resulta na perda do divino Amado.¹⁵ A queda da gnose é comparada a um sono profundo do qual as almas descuidadas devem despertar. Só a contemplação dos gināns pode despertá-las deste sono, renovando nelas um desejo da gnose com que tinham sido dotadas.¹⁶

Repetidamente, os gināns influenciam os crentes a não abandonar a antiga promessa feita enquanto no ventre.¹⁷ Pīr Tāj al-Dīn lamenta a fracasso da alma em cumprir esta promessa e a ainda mais triste recusa de dar atenção aos gināns, que a faria lembrar da gnose que lhe tinha sido confiada:

Não fales com aqueles que vacilam na promessa feita ao Guia.
Se eles não se exultam com os gināns, se não cumprem o pacto com o Guia,
Qual é a razão da sua existência?
Embora tenhamos composto no diapasão de sons e modos musicais,
Os surdos não ouvirão!¹⁸

Quando o lótus do coração não produz gnose, a alma é lançada no caos e a fé dos crentes gira como uma roda de oleiro.¹⁹ No entanto, nos recantos mais profundos da alma reside o Grande Gnóstico (*baḍā ginānī*), uma reflexão do Guia, de quem ressoa no coração

¹³ *Satane mārage chālīe*, vol. 6, p. 42, e. 6; *Man Samajānī*, c. 5.

¹⁴ *Sat Veñī Moñī*, c. 20.

¹⁵ *Kesarīsīmh sarup bhulāyo*, vol. 6, p. 35, ee. 1-3.

¹⁶ *Tāḍhum tāḍhum mīṭhaḍum bolīe*, vol. 4, p. 95, e. 1.

¹⁷ *Dharam murat paelā gur bharamā pichhāṇo*, vol. 1, p. 143, ee. 8-9; *Sum nahī jāg saverā*, vol. 2, p. 141, e. 2.

¹⁸ *Dehī gurake vāchā heje thir na rehñām*, vol. 4, p. 21, ee. 1-3.

¹⁹ *Sācho jāṇo ne pīr pichhāṇo*, vol. 3, p. 7, e. 3.

uma melodia divina e encantadora, mas cujo estado elevado é desconhecido dos imprudentes.²⁰ Se a alma ouve a chamada do Grande Gnóstico, sente uma nostalgia e anseia pelo ginân que possuiu enquanto no ventre. No entanto, tendo emergido do seu primeiro domicílio, só pode tornar a familiarizar-se com essa gnose ao submeter-se ao Guia Verdadeiro, sem o qual o oceano traiçoeiro da ignorância nunca poderá ser atravessado.²¹

Numa alegoria encantadora, um ginân compara a situação das almas iludidas a um bando de pássaros cuja capacidade de voar lhes foi roubada numa armadilha montada pela manifesta não-realidade, isto é, o mundo ilusório.

A manifesta não-realidade lançou a sua rede
E os pássaros foram lá sentar-se.
Um pássaro, vendo os outros, ficou curioso
E por causa disto, também ele ficou emaranhado.
O fruto da libertação só será obtida
Quando te tornares um discípulo do Guia.
Só escaparás desta gaiola que te aprisiona
Se cumprires o teu pacto com o Guia Verdadeiro.
Esta ilusão será destruída, este infeliz devaneio cessará
Se fores consultar o Guia verdadeiro sobre a gnose!²²

O mundo é uma manifesta não-realidade. Não é nada mais que uma ilusão, uma miragem. Mas os seus encantos são lançados como uma rede onde as almas humanas se emaranham. Os prazeres sedutores da existência física atraem os seres humanos, assim como os petiscos postos numa rede por um caçador atraem pássaros insuspeitos. Apesar do património de gnose da alma, ela ignora o conhecimento superior porque fica fascinada pelo bando de almas que já foram apanhadas. O ginân é esquecido quando a alma cessa de voar e pousa no meio da armadilha.

Para escapar desta cilada, a alma deve cumprir o seu pacto com o Guia Verdadeiro. O seu mestre é o Senhor da Ressurreição, e não os ditames de suas paixões. Se a alma deseje

²⁰ *Ātamā rām tame baḍā ginānī*, vol. 1, p. 121, e. 1.

²¹ *Hojīre parānī jāre tuṃ gīrabhā thān vasanto*, vol. 5, p. 117, *passim*.

²² *Paratak viloḍīne phāms māṇḍī*, vol. 2, p. 110, e. 1.

voar de novo, de escapar da sua gaiola e ser libertada de sua ilusão, tem de receber o ginân do Guia Verdadeiro.

Andante: O Guia Verdadeiro e a Gnose

Oferece tudo – corpo, ego e haveres – ao Guia,
De modo que por gnose e através de gnose nada mais sobrarã senão gnose.²³

Submissão absoluta e completa ao Guia Perfeito (*murshid kāmīl*), conforme os gināns, é o único recurso para a alma submergida em ignorância e escuridão.²⁴ Sem ele, a gnose é inatingível.²⁵ Embora uma pessoa tenha estudado todos os catorze ramos de aprendizagem, arte e ciência, o caminho não pode ser encontrado sem o Guia.²⁶

Num cativante texto escrito como um colóquio entre o grande sábio ismaelita, Pīr Ḥasan Kabīr al-Dīn, e o mestre famoso de yoga, Kānīpā, o Pīr repreende Kānīpā por não reconhecer o imā ismaelita como o Guia da Época. Kānīpā é ensinado a procurar o imā, descrito como o Homem da Gnose (*ginān purush*), e é informado:

Oh asceta, quando encontrares o Guia
Ele reveler-te-á mistérios.
Todas as suas apreensões serão dissipadas.
Certamente, um lótus não pode florescer sem água...²⁷

O simbolismo no verso é marcante. A esplêndida flor de lótus (*kamal*), com suas pétalas brancas delicadas, floresce em pântanos vis e pútridos. Apesar do seu ambiente sórdido, é a epifania da pureza e beleza imaculada, majestosamente crescendo do charco escuro. Recusa-se a alimentar-se do lodaçal repulsivo e em vez disso espera o sustento da chuva cristalina dos céus. As circunstâncias do gnóstico são semelhantes. Ele vive no

²³ *Āe rahem rahemān ab to rahem karomge*, vol. 3, p. 121, e. 1.

²⁴ *Kesarīsīṃh sarup bhulāyo*, vol. 6, p. 35, e. 4.

²⁵ *Sācho dhiāvo ne ginān vichāro*, vol. 2, p. 19, e. 1.

²⁶ *Man Samajānī*, c. 158; *Sat Venī Moī*, c. 154.

²⁷ *Pīr Hasan Kabīradīn ne Kānīpāno Samvād*, p. 20. Seleção reproduzida em *Abadhu man jīte man ichhā phal upaje*, vol. 5, p. 141, e. 7.

mundo mas não é do mundo. Desinteressado das tentações banais dos seus arredores, ele permanece impoluto pelo o que o rodeia. Por outro lado, ele anseia pela água que dá vida do ginān (*ginān jal*) que o Guia Verdadeiro traz dos céus. Assim como o lótus preferiria morrer do que beber do seu pântano fétido, também a alma pura não pode sobreviver sem a água da gnose do Guia Verdadeiro. Sem esta fonte preciosa de alimentação, a alma-lótus murcharia e por fim morreria. A composição continua:

Oh asceta, a noite está escura, seus companheiros são traidores,
Deves atravessar a perigosa trilha de montanha em frente.
Sem um líder como é que vais vencer o caminho?
Tem pois cuidado enquanto podes...
Oh asceta, dentro do teu coração estão os nove continentes da terra,
Dentro do teu coração está o próprio Paraíso.
Os sete mares habitam dentro do teu coração,
Mas sem o Guia morrerás de sede!²⁸

As tentações sedutoras do mundo representam por conseguinte um perigo ameaçador que a alma não pode vencer sozinha. Só com um Líder é que a alma pode atravessar a passagem montanhosa sem perigo e chegar ao outro lado. Mas, como o próximo verso nos informa, o propósito do Guia não é apenas indicar o caminho; ele deve ajudar a alma a perceber e a beneficiar da fonte de salvação que se encontra dentro dela. Embora os sete mares de conhecimento habitem no interior do coração, a alma pode morrer de sede. Enquanto no ventre, a alma foi dotada de ginān, mas só o Guia Verdadeiro pode dirigí-la de volta ao estado de gnose que se encontra dentro dela. Este deve ser redescoberto, porque ‘sem o ginān os fiéis estão em escuridão completa, uma escuridão total da qual não há libertação depois da morte.’²⁹ A missão do Guia é por conseguinte de ‘trazer de volta ao Caminho, por meios do ginān, aqueles que se esqueceram.’³⁰

O maior impedimento da alma em escutar o Guia e a seguir os gināns, no entanto, é o sentido de ego (*hum khudī, ahuñkār*; Sc. *ahamkāra*), o caprichoso ser ou mente (*man*),

²⁸ *Pīr Hasan Kabīradīn ne Kānīpāno Samvād*, p. 20. Seleção reproduzida em *Abadhu man jīte man ichhā phal upaje*, vol. 5, p. 141, ee. 9. 20.

²⁹ *Hum balahārī gur āpaṇe*, vol. 4, p. 91, e. 11.

³⁰ *Sāheb kero bhed na bujere koe*, vol. 3, p. 129, e. 5.

que teimosamente afirma a sua independência. É o hómologo ginânico ao *nafs al-ammāra* (Alcorão 12:53) ou instintos carnis da literatura mística árabe. Enquanto o ego tiver poder, é impossível atingir o ginān.³¹ Se, apesar de segurar na lamparina do ginān, as intrigas do ser caprichoso levam o crente a cair num poço escuro, o que é que o Guia pode fazer?³² Assim, o amor absoluto e incondicional do Senhor deve conquistar o ser. Só isto pode deixá-lo submisso e receptivo a receber gnose.

Ama o Amado de tal maneira
Que a divina gnose surja de dentro.
Mata o teu eu e faz dele o teu tapete de oração.
Irmão, mantém-te firme em contemplação.³³
E uma vez mais no ginān ‘Desperta! Porque o Guia Verdadeiro Chegou’, numa estrófe que exhibe um engenhoso jogo de palavras:
O Guia diz:
Mata o teu eu (*man ne māro*) para que me possas encontrar (*mane maro*).
Abraçar-te-ei com força,
Porque na verdade, um diamante precioso está na tua posse.
Olha, Ó corajoso - contempla este ginān.³⁴

Só quando as desculpas imbecis do ser forem derrubadas é que o Guia poderá exercitar o seu efeito transformador e a alma adquirir o ginān.³⁵ Este efeito é pitorescamente comparado ao de uma perfumada árvore do sândalo que se encontra numa floresta cercada por árvores *nimb*. Assim como a presença do sândalo torna perfumadas as árvores *nimb* à sua volta, também o perfume do conhecimento do Guia transforma os discípulos.³⁶ No entanto, o contacto com o Guia não assegura a absorção de ginān. A menos que o ego tenha sido subjugado, o crente não supera os bambus que se encontram perto do sândalo mas que não são afectados pelo seu aroma.³⁷ O Guia Verdadeiro, representado pela árvore do

³¹ *Man Samajāñī*, c. 7.

³² *Vāek Moṭo*, e. 52.

³³ *Pīr vinā pār na pāmīe*, vol. 3, p. 17, e. 12; cf. *Pīyu pīyu kījīe*, vol. 3, p. 15, e. 1 e *Sīrīe salāmashāhā amane malīyā*, vol. 5, p. 36, e. 3.

³⁴ *Satagur padhāreā tame jāgajo*, vol. 3, p. 161, e. 4.

³⁵ *Sāmī tamārī vāḍī māṃhe*, vol. 3, p. 45, e. 7; cf. *Imāmapurī nagarī ne kuṃvārakā khetara*, vol. 6, p. 69 (secção 2), e. 6.

³⁶ *Satagur bheṭeā kem jāñīe*, vol. 2, p. 137, e. 1.

³⁷ *Āj te amar āveā*, vol. 2, p. 127, e. 2.

sândalo, tem as suas antíteses nos professores das seis escolas de filosofia que, como cabaças, contaminam todos os adeptos à sua volta com o seu cheiro amargo.³⁸ Assim, os textos ismaelitas repreendem os crentes de ignorarem os ensinamentos das seis escolas de filosofia. De facto, eles estão repletos de avisos de que embora os professores abundem, o verdadeiro ginān só é atingível através do imā ismaelita ou o seu nomeado agente. Num verso endereçado ao Rei Lótus, isto é, à pura alma-lótus, Sayyid Qutb al-Dīn diz:

Oh Rei! A verdade é inatacável,
 Porque se pudesse ser atacada, como poderia ser a Verdade?
 Como pode haver ginān sem o Guia?
 Seria como o conselho de um carnicheiro que diz despreocupadamente:
 ‘Oh boi, não vires a cabeça;
 Suporta a tua carga e alcançarás a salvação.’
 Certamente, Oh rei, eu vejo um caminho difícil à tua frente, uma rua deveras difícil.
 Apesar de as nuvens irromperem em chuvas torrenciais,
 Não bebas a água não filtrada.³⁹

O verdadeiro ginān é inobtenível sem o Guia. O conselho desses que fingem possuir gnose é como o carnicheiro cujo conselho ao boi leva à destruição do animal. O boi carrega o peso do jugo que o liga ao moinho de óleo que ele rodeia constantemente. Como está vendado, acredita que viaja para algum destino. No entanto, quando a venda é retirada descobre, consternado, que tem estado a andar à roda e não tem feito nenhum progresso. O carnicheiro quer que ele venha às cegas, sem virar a cabeça, assegurando-lhe que atingirá a sua salvação. Enfim, depois de anos de viajar fútilmente, quando o boi está velho e não consegue mais carregar o seu fardo, o dono levá-lo-á ao matadouro. A situação dos que aceitam o pseudo-ginān de professores falsos é semelhante. Ficam cegos pela ignorância e continuam a viajar ao longo da mesma rota, sem se darem conta que não estão a viajar para nenhum lugar. Os seus professores hipócritas asseguram-lhes que se continuarem a carregar os seus fardos sem virarem as cabeças para averiguar o que realmente se passa, no final atingirão a salvação. Na realidade, estes professores mercenários esperam ansiosamente o

³⁸ *Muman Chit Varanī*, ee. 187-191.

³⁹ *Jīre rājā sat taṇe mukh mār na hove*, vol. 3, p. 94, e. 1.

dia em que os seus protegidos serão levados ao matadouro. Por isso, Sayyid Qutb al-Dīn aconselha os seus discípulos que embora doutrinas semelhantes à água abundem, só a que é filtrada, a que é dada pelo Guia Verdadeiro, é adequada para consumo. Se não é proferida pelo Guia, como pode ser considerada ginān? Assim como o sândalo não cresce em todas as florestas e uma flor de lótus não floresce em cada lagoa, a sabedoria impecável dos professores ismaelitas não está disponível a partir de qualquer guia ordinário.⁴⁰

Aqui chegamos a uma pergunta de suma importância: quem é este ‘Guia Verdadeiro’ que tem a autoridade para dispensar o ginān? Os textos em si são muito explícitos neste ponto – ninguém mais do que o Shah (imã) e o Pīr (que é o seu representante supremo) tem a autoridade para instruir os crentes. De acordo com os gināns, O Shah ocupa o trono de ‘Alī (*Alī ke takhat*, Ar. ‘*Alī*, P. *takht*) e o Pīr ocupa o tapete de oração de Maomé (*nabī ke musale*, Ar. *muṣallā*).⁴¹ Maomé é o Selo dos Profetas (*khātām, al-nabiyyīn*, Alcorão 33:40), depois do qual não pode haver mais nenhum profeta; mas ele é também o primeiro Pīr (*aval pīr*). Assim, ele inicia o ciclo de pīrātan, cuja função é revelar as doutrinas esotéricas da família do Profeta e levar a espécie humana ao reconhecimento do manifesto imã (*paratak*, Sc. *pratyakṣ shāhā*).⁴² Então, como explica Pīr Shams, enquanto Ḥasan, o filho mais velho de ‘Alī, era o Pīr, o filho mais novo, Ḥusayn, era o imã.⁴³ Os nomes de ambos os imãs designados e Pīrs nomeados eram antigamente recitados diariamente na oração composta pelo Pīr Ṣadr al-Dīn. A ênfase em procurar orientação só desta linhagem especificamente favorecida é baseada, entre outras coisas, num trecho do Alcorão, frequentemente citado em literatura xiita, que afirma: ‘De facto, Deus escolheu Adão, Noé, a família de Abraão e a família de ‘Imrān acima dos mundos; descendentes uns dos outros. E Deus é o que tudo vê e tudo sabe’ (3:33-34). Não obstante, certos indivíduos, sempre da descendência do Profeta e ‘Alī mas não necessariamente nomeados como Pīrs, eram permitidos, de acordo com a tradição da comunidade, de compor gināns quando pregavam em nome e com a autorização do imã ismaelita e portanto eram considerados guias autorizados.

⁴⁰ *Tādhūm tādhūm mīṭhaḍūm bolie*, vol. 4, p. 95, e. 1.

⁴¹ *Man Samajāñī*, c. 397; *Surabhāñ nī Vel*, c. 11.

⁴² *Jāgo rīkhīsar morā bhāī*, vol. 3, p. 127, e. 22.

⁴³ *Man Samajāñī*, c. 144; cf. *Jāgat kemv nahīre*, vol. 6, p. 21, e. 2.

Por conseguinte, os gināns opõem-se veementemente àqueles que não são da família investida divinamente e que todavia aspiram falsamente à posição de Guia.⁴⁴ Aliás, tais pessoas espalham o agnosticismo (*aginān*) por causa do seu próprio fracasso em reconhecer o Guia Verdadeiro, o único que pode conceder ginān.⁴⁵ Se os crentes contemplarem os gināns, eles verão que estes falsos guias andam cegos de ignorância, semelhante à escuridão causada por um eclipse solar total quando o demónio Rāhu engole o sol.⁴⁶

Scherzo: Um Significado que está Oculto, uma Vida que é Eterna

Entende a essência desta composição.

Como é que ela pode ser captada sem entendimento?

Porque o ginān do Guia é impenetrável e além da percepção usual.⁴⁷

Os gināns são insistentes na enfase de que as palavras aparentes das suas composições contêm significados profundos ocultados dos leitores não cientes. Sem tentarem entender este significado esotérico, não ganharão nada. Uma parte da razão pela qual ‘Azāzīl (Satanás) foi expulso do Paraíso quando se recusou a curvar perante Adão, foi o seu fracasso em reconhecer a essência do que tinha estudado. Como nos conta um ginān, apesar de ter adquirido o conhecimento equivalente a ter lido 360 milhões de livros, ele não compreendeu o significado interno.⁴⁸ Sendo incapaz de compreender o mistério do Guia Verdadeiro, ele foi banido para a escuridão impenetrável (*goḍ andhār*).⁴⁹

Do mesmo modo, o *Man Samajāṇī* (‘Edificação do Ser’) critica peritos que estudam atentamente os seus livros, mas não conseguem penetrar para além do significado literal:

Eles lêem as escrituras

Mas não reconhecem o significado interno,

Fiando-se só numa ou duas palavras.

O grande perito lê tudo,

⁴⁴ *Sarave jīvuṇṇā jāre lekhāṃ lese*, vol. 2, p. 34, est. 130 e *Muman Chit Varaṇī*, e. 64.

⁴⁵ *Muman Chit Varaṇī*, ee. 359-360, 422.

⁴⁶ *Sate chālo mārā munīvaro*, vol. 1, p. 23, ee. 3-4.

⁴⁷ *Man Samajāṇī*, c. 336.

⁴⁸ *Allah ek khasam sabhukā*, vol. 4, p. 110, e. 6.

⁴⁹ *Het guranarasuṃ kījīe*, vol. 3, p. 36.

Tal como um jumento carregando uma carga de sândalo perfumado.
 O que é que ele pode saber sobre a carga preciosa
 Içada sobre ele?
 O burro não ganha nada do seu valor,
 A carga é retirada,
 O animal eventualmente torna a ser pó.
 Quem edificou o ser
 Atinge todo o conhecimento.
 O próprio Guia Verdadeiro explicou o significado interno.
 Tu recebeste a recordação (*jikar*, Ar. *dhikr*),
 Tu recebeste a Palavra (*jap*)
 Agora, um perito verdadeiro
 É aquele que acha todos os significados internos escondidos no íntimo.⁵⁰

Não são apenas os peritos que são repreendidos por não conseguirem capturar o significado interno, mas também os seguidores dos Pīrs ismaelitas:

Lendo e lendo os seus livros, os peritos cansaram-se,
 Contudo não conseguiram entender o significado interno de Deus
 Compondo e compondo estes gināns, cansámo-nos,
 Contudo desprezaram a Deus e a Maomé.⁵¹

O *Vāek Moṭo nī Vel* lamenta que:

Todos que se dizem crentes,
 Cada um deles ouve os gināns,
 Mas embora o Guia tenha explicado letra por letra,
 Eles não ganharam juízo!⁵²

Mais uma vez, é a mente inconstante que impede que os crentes entendam a importância esotérica dos gināns. Portanto, nos versos que terminam uma das suas composições em panjabi, Pīr Shams insiste que dirige o seu ginān ao mundo dos espíritos

⁵⁰ *Man Samajānī*, c. 301.

⁵¹ *Pusatak paḍī paḍī paṇḍat thākā*, vol. 1, p. 184, ee. 1, 9.

⁵² *Vāek Moṭo nī Vel*, est. 14; cf. ee. 8-9 e *Sat Varānī Moṭī*, c. 295.

(*arawāh* Ar. *arwāḥ*, sing. *rūḥ*) e ordena os seus ouvintes a subjugarem as suas mentes caprichosas de modo a que os seus espíritos possam ser edificados pelos seus ensinamentos.⁵³ Se a mente inconstante impede que um crente possa entender o significado oculto dos gināns, ‘a vida inteira desse estouvado é perdida.’⁵⁴

Esta ênfase tremenda em mergulhar no mais profundo significado interno e não se satisfazer simplesmente com o superficial, abrange todos os períodos e áreas geográficas da presença ismaelita. Portanto, os primeiros heresiógrafos muçulmanos apelidaram os ismaelitas *bāṭiniyya*, de Esotericistas ou ‘gente do significado interno’. São atribuídos ao Alcorão e a outros textos sagrados, mundos de entendimento profundos e fascinantes além das suas formas literais. No entanto, tais percepções não fazem a fortuna das massas que não tentam de modo algum investigar os arquétipos celestiais simbolizados por formas e textos terrestres. Só investigando além do *zāhir*, o exotérico, ao *bāṭin*, o esotérico, poderão os crentes entrar num mundo espiritual de conhecimento supremo abrangente. Assim, uma composição tal como o *Hamadhil khālak allāh soī vasejī* afirma:

Nos gināns pode-se encontrar conhecimento de tudo.

Procura, procura que o encontrarás!⁵⁵

Assim, encontramos nos gināns versos que classificam a perspicácia de indivíduos diferentes numa escala que vai desde o egoísmo à gnose. Aquele que é oprimido pelo mundo físico devido à sua preocupação consigo próprio é evidentemente cego; os olhos do seu coração permanecem fechados e ele anda às cegas. A maioria das pessoas tem dois olhos, enquanto que o ensino concede um terceiro olho e a virtude tem sete olhos. Todavia, nenhum destes se pode comparar com a gnose, que tem cem mil olhos ‘além do tempo e do espaço’. Através destes olhos, o gnóstico reconhece a essência da alma e atinge uma posição do mais elevado estatuto. Mas acima de todos estes está o Gnóstico da Essência, o próprio Guia Verdadeiro, que só é reconhecido por alguns: ‘O seu olhar abrange tudo, pois ele tem

⁵³ *Ek tīrath vedhaḍā pīr shamas gājī sadhaṇā*, vol. 2, p. 83, e. 4.

⁵⁴ *Chet chet bānā man chañchal karī cheto*, vol. 1, p. 65, e. 1.

⁵⁵ *Hamadhil khālak allāh soī vasejī*, vol. 4, p. 74, e. 10; cf. *Sarave jīvumṇā jāre lekhām lese*, vol. 2, p. 34, e. 14 e *Jītuṃ lāl sirīa e sārang dhar āshā trībhovar vado sāmī*, vol. 4, p. 10, e. 18.

olhos infinitos.’⁵⁶ O *Sat Veṇī Moṭī* (‘Contos da Verdade, o Maior’) também menciona o poder de percepção associado ao ginān:

Escutem, Oh santos, a esta prova da Verdade,
Porque estes são os ‘Contos da Verdade’ para encontrar o Amado.
Obedeçam às palavras verdadeiras do Guia,
Abram em si os olhos da Gnose.⁵⁷

Aquele que não abre ‘os olhos da gnose’ e permanece alheio ao significado oculto dos gināns é comparado a uma pedra. Embora uma pedra seja posta no oceano durante um ano, nem uma gota de água será absorvida. Do mesmo modo, um tolo pode ouvir constantemente os gināns, mas se ele não conseguir entendê-los e eles não penetrarem o seu coração, ele não será mais do que uma pedra.⁵⁸ No entanto, no caso de um verdadeiro crente, a gnose entra e penetra o seu coração, ‘tal como a água é absorvida pela terra’.⁵⁹

O tempo primordial, ao qual o texto citado no início deste artigo alude quando o Guia recebeu a gnose, é novamente invocado no *Vāek Moṭo*. Aqui, esta gnose é simbolizada pela chave do Paraíso, que foi conferida ao Guia depois da sua constante adoração de 800.000 eternidades (*karaṇ*).⁶⁰ A progenitura do conhecimento (*elam āl*, Ar. *ilm*), assim confere esta chave santa aos crentes dignos. É assim que eles são capazes de abrir a fechadura que sela os seus corações.⁶¹ Porque, na verdade, dentro do coração existem riquezas imensuráveis,⁶² mas apenas a chave do ginān pode destrancá-lo.⁶³

Os próprios gināns são um tesouro precioso, o seu significado esotérico sendo comparado aos diamantes, esmeraldas, rubis e especialmente pérolas; mas estas jóias só são de valor aos que as reconhecem como tal. Assim, no último canto do *Sat Varaṇī Moṭī* (‘Contos da Verdade, o Maior’), o compositor escreve:

⁵⁶ *Bhāio bharamē na bhulīe*, vol. 1, p. 163, ee. 10-13.

⁵⁷ *Sat Veṇī Moṭī*, c. 220; cf. *Sāchāre sāhīāmku nisadhin sirevo*, vol. 4, p. 86, e. 1.

⁵⁸ *Sātane mārage chālīe*, vol. 6, p. 42, ee. 1-5.

⁵⁹ *Vāek Moṭo nī Vel*, ee. 26-28.

⁶⁰ Quer do Ar. *qarn*, século, ou mais provavelmente, de Sc. *karaṇ*, que se pode referir ou a um período de trinta *ghaḍīs* ou a uma divisão astronômica de tempo no qual existem onze, sete móveis e quatro fixas, das quais duas são iguais a um dia lunar.

⁶¹ *Vāek Moṭo*, ee. 15, 57.

⁶² *Sācho dhīāvo ne ginān vīchāro*, vol. 2, p. 19, e. 10.

⁶³ *Mānā mānā mānā māmhe raheṇā*, vol. 6, p. 26, e. 3.

Sayyid Muḥammad Shāh relatou este conto,
 O volume do ‘Contos da Verdade’ está completo.
 Seja quem for, macho ou fêmea, dará ouvidos aos seus avisos
 E cessará o seu triste devaneio pelo mundo de fenómenos terrestres.
 O seu segredo é tão profundo
 Que só o eleito pode compreender o seu mistério.
 Todos os caminhos foram expostos,
 Porque eu escrevi sobre todos eles neste trabalho.
 Só o judicioso compreenderá o seu mistério,
 Assim como apenas o joalheiro reconhece o valor dum diamante.
 Oh tu, meu Amado, o Mestre Verdadeiro não é outro senão tu!
 Como pode o ignorante entender
 Que este ‘Contos da Verdade’ é como uma pedra preciosa?
 Só o eleito o reconhecerá,
 Poucos compreenderão o seu valor.⁶⁴

Uma história comovente no *Man Samajāñī* conta-nos a história de uma jóia preciosa que foi encontrada por um tolo num dia em que andava a passear.⁶⁵ O tolo apanhou-a pensando que fosse uma pedrinha bela que pudesse valer uns tostões. Estupidamente ele fez um buraco na pedra. Depois atou a pedra aruinada ao pescoço. Como é que o tolo é diferente dos que ouvem os gināns mas não os levam a sério, como se estivessem a ouvir batuque? ‘Eles não entendem nada do significado interno, e sem compreensão criam uma algazarra e cacofonia, não sendo melhor do que o tolo que perfurou a jóia.’ A triste jóia, contemplando a sua terrível condição, desejava voltar para a mina de onde foi extraída, mas a maior tragédia ainda estava por acontecer. Alguém reconheceu que a bijuteria do tolo era uma jóia, comprou-lha por uma ninharia e depois deixou-a dentro de uma caixa. Na escuridão da caixa a jóia preciosa chorou por ter sido vendida pelo tolo por um montante insignificante e, pior ainda, por ser maltratada por alguém que reconhece o seu valor. Enquanto um tolo pode ser perdoado pelo que faz, é imperdoável que alguém que reconheça o valor dos gināns não procure o seu significado interno. Como o autor da história conclui, ‘Se um Gnóstico contempla os gināns, ele encontrará um tesouro em cada letra...mas se um

⁶⁴ *Sat Varañī Moḥī*, c. 316.

⁶⁵ *Man Samajāñī*, c. 331.

bobo canta os gināns como se fossem canções comuns e não faz nenhuma tentativa de investigar o seu significado interno, ele não é melhor do que o tolo que encontrou uma jóia e a perfurou como se fosse uma pedra.’

Os crentes são acautelados a distinguir entre jóias autênticas, oferecidas sómente pelo Guia Verdadeiro e as bijuterias de vidro sem valor. Com a sua caravana carregada de pedras preciosas, o imã é representado como um homem vindo de uma terra distante para fazer comércio com a sua carga de valor inestimável. Aqueles que lidam com ele ganharão riquezas abundantes, enquanto que aqueles que frequentam os vendedores de vidro serão enganados.⁶⁶

Ele espalha as suas pedras valiosas por toda a parte relatando os gināns, mas só as almas que são como cisnes reconhecerão essas jóias.⁶⁷ De facto, na imaginação poética indiana, o cisne, um símbolo da alma purificada, seleciona apenas pérolas para o seu repasto, enquanto que a cegonha enganadora regala-se no lamaçal.⁶⁸ Infelizmente, a maioria dos seres humanos são como as cegonhas, ignorantes do valor das pérolas da gnose:

Porque a bijuteria de vidro veste uma roupa brilhante, enquanto que as pérolas à primeira vista podem parecer sujas. Assim, quando jóias e bijuterias foram amontoadas juntas, todos se empurravam uns aos outros, tentando agarrar o vidro. As pérolas permaneceram onde estavam até que finalmente apareceu alguém que as reconheceu. Ele apanhou-as e deu-lhes o valor que elas merecem.⁶⁹

Mas estas pérolas preciosas não devem ser reveladas a toda a gente. Elas devem ser reveladas apenas aos que as possam estimar devidamente.⁷⁰

Assim, encontramos um ginān sobre a meditação dirigido ao cisne-alma, na esperança que ele reconheça o valor das pérolas da gnose:

⁶⁶ *Dur deshathī āyo vañajāro*, vol. 5, p. 56, *passim*.

⁶⁷ *Sat ho sukarīt guranar gatasū ārādho*, vol. 1, p. 70, e. 7.

⁶⁸ *Samsār sāgar madhe vāñ āpañā satagure norīyāmre*, vol. 1, p. 117, ee. 3-4.

⁶⁹ *Man Samajāñī*, c. 331.

⁷⁰ *Jire rājā sat tañe mukh mār na hove*, vol. 3, p. 94, e. 2.

Oh meu cisne, no mosquete do intelecto cheio de pólvora de concentração, carregue a bala da gnose.

Oh meu cisne, acenda o pavio do amor com o fogo do seu coração, e incie o ataque com a explosão da Palavra.⁷¹

O papel essencial desempenhado pelo *ginān* na busca espiritual acima descrita é notável. A gnose é essencial para que a palavra mística tenha efeito. Isto é realçado na *Jog Vāñī* de Sayyid Imām Shāh:

Um verdadeiro *jogī* é aquele que conhece o método da meditação,

Que aplica a gnose à Palavra.

Quando a gnose é alcançada

A órbita resplandece com uma luz brilhante,

Então, mantém o teu foco na tua absorção da Palavra.⁷²

Dentro da órbita mística da gnose (*ginān maṇḍal*) está o esplendor luminoso do mistério esotérico, uma luz para ser vista apenas quando o *ginān* é aplicado à Palavra. Mas este esplendor tem de ser alcançado através da prática ordenada pelo Guia Verdadeiro (*jugat*, Sc. *yukti*). Como Pīr Ḥasan Kabīr al-Dīn explica ao mestre de ioga, Kānīpā:

Oh asceta, quando encontrares o Guia, debes reconhecê-lo, meu sábio,

Porque sem o Guia o caminho não pode ser encontrado.

Na órbita mística da gnose existe uma lamparina resplandescente,

Mas sem o Guia ela nunca estará ao teu alcance!

A lâmpada do Guia irradia *ginān*, sem o qual não há nada senão uma impenetrável escuridão.⁷³ Como podem os crentes cair no fundo de um poço escuro quando têm nas mãos a luz resplandecente da lamparina da gnose?⁷⁴ Ao trilhar o caminho com esta lamparina na mão, os crentes alcançarão a visão beatífica do Senhor.⁷⁵ No entanto, os *gināns* não

⁷¹ *Ho jīre mārā haṁsa karañī kamāvo to rabajīsum rācho*, vol. 5, p. 32, ee. 2-3.

⁷² *Ād unāde ahuñkār upanā*, vol. 5, p. 155, e. 2, reimpresso em vol. 6, p. 15 (secção 2).

⁷³ *Sarave jīvuṁnā jāre lekhām lese*, vol. 2, p. 34, e. 197.

⁷⁴ *Kalajug goḍ andhāre upanā*, vol. 2, p. 59, ee. 2, 7.

⁷⁵ *Man Samajāñī*, c. 324.

pretendem lançar apenas qualquer tipo de luz comum, eles afirmam ser a própria Luz Divina (*nūr*), como no verso de êxtase de Pīr Šadr al-Dīn:

Recita perpetuamente os gināns, pois eles estão repletos de Luz Divina,
O teu coração não será capaz de conter tal alegria arrebatadora!⁷⁶

Mas como o Senhor Todo-Poderoso é a Luz dos céus e da terra (*nūr al-samāwāt wa'l-arḍ*, Alcorão 24:35), os gināns são os repositórios desta Luz.⁷⁷ Como promete a introdução ao *Sat Veṇī Moṭī* ('Contos da Verdade, O Maior') de Nūr Muḥammad Shāh:

Um esplendor de luz existe em frente
Para todas as almas que mergulham no amor
Esta composição tem sido chamada 'Os Contos da Verdade'
Nela, encontrarás a residência do Amado.⁷⁸
O Amado encontra-se no ginān porque a gnose torna aquilo que está além de qualquer conhecimento terreno conhecível.
Ó asceta, o Inacessível, o Imperceptível,
o Indescritível foi descrito!
Os gināns têm compreendido Aquele que é Incompreensível!⁷⁹

Uma vez que os gināns penetram a alma completamente, eles têm o poder de a transformar. Assim, um ginān descreve os frutos da gnosis como sendo um corpo e veste da Luz Divina como o 'Guia de milhões infinitos' dirige a alma à Cidade da Eternidade.⁸⁰ O poder transformativo do ginān não é mais do que o da lendária pedra filosofal que transmuta metais básicos em ouro: 'Como pode haver escuridão quando o Guia deu a pedra filosofal aos crentes? Se vocês são os meus santos, contemplarão os gināns.'⁸¹ Assim como uma espada brilha após contacto com um riacho e roupas de seda brilham ao serem expostas à água, do mesmo modo brilha um crente que compreende o significado interno dos

⁷⁶ *Ginān bolore nit nure bhareā*, vol. 4, p. 135, e. 1; cf. *Sarave jīvumṇā jāre lekhāṃ lese*, vol. 2, p. 34, e. 181 e *Jitun lāl sirīa e sārang dhar āshā trībhovar vado sāmī*, vol. 4, p. 10, e. 18.

⁷⁷ *Sāchāre sāhīāṃku nisadhīn sirevo*, vol. 4, p. 86, e. 7.

⁷⁸ *Sat Veṇī Moṭī*, c. 3.

⁷⁹ *E abadhu jamīn na hotī āsamān na hotā re abadhu*, vol. 5, p. 151, e. 6.

⁸⁰ *Valī valī nar māṃhī māṃhī ramase ke ho jīrebhātī*, vol. 2, p. 176, ee. 7-10.

⁸¹ *Kalajug āvīyo utāvalo*, vol. 5, p. 34, e. 9.

gināns;⁸² porque ouvindo e compreendendo estas palavras de gnose destrói os pecados da maneira que o universo é destruído no final de cada ciclo cósmico.⁸³ Na verdade, contemplando os gināns com o máximo de concentração liberta a alma humana.⁸⁴

Ginān é o néctar da eternidade, o símbolo mais recorrente da gnose nos textos ismaelitas. Como ambrosia celestial, tem o poder de ressuscitar as almas receptivas a uma vida eterna de gnose. As estrofes de abertura (*bhāṇitā* ou *chhāp*) de muitos gināns acabam com versos como: “oh amados, Pīr Ṣadr al-Dīn profere este ginān de felicidade suprema. Meus queridos crentes, venham beber esta ambrosia celeste!”⁸⁵ Mas só penetrando o significado interno é que à alma é concedida a vida eterna, como nestes versos que dirigem as seguintes palavras à alma-lótus:

Se descobrires o elixir oculto dentro dos gināns,
Prova-o com amor, prova-o!⁸⁶
Este elixir enche o coração com o esplendor luminoso da gnose, para que a morte não
lhe possa tocar,⁸⁷ assim:
O mundo inteiro morre a morte falsa,
Mas ninguém morre a morte da Verdade.
Aquele que morre no ginān do Guia
Não morrerá de novo!⁸⁸

A referência aqui é claramente a celebrada tradição do profeta Maomé, *ḥadīth qudsī*, ‘Morre antes de morreres’. Quando o ser morre e o Guia Verdadeiro toma o seu lugar no coração, não sobra nada senão gnose, porque morrendo em direcção à Verdade, a alma é ressuscitada à vida e luz eternas.

⁸² *Das bandhī yārā sir bandhī*, vol. 2, p. 135, e. 7.

⁸³ *Dehīnā dhandhā kāraṇ tame jugamāṇhe phīro*, vol. 3, p. 176.

⁸⁴ *Navarajanā: dhin: sohāmaṇām*, vol. 4, p. 43, e. 5 e *Sāchāre sāhīāmku nisadhin sirevo*, vol. 4, p. 86, e. 5.

⁸⁵ *Jīrevālā pāṭ maṇḍhāvī ne chok purāvo*, vol. 4, p. 38, e. 6.

⁸⁶ *Jīre rājā sat taṇe mukh mār na hove*, vol. 3, p. 94, e. 6.

⁸⁷ *Velā potīne vilamb na kījīe*, vol. 2, p. 13, e. 6.

⁸⁸ *Saloko Nāno*, e. 17.

Finale: Consumação da Sinfonia da Gnose

Não há flauta, no entanto há melodia. Não há som, todavia há música!⁸⁹

A auto-definição dos ginãs começa no completo silêncio e calma da pre-eternidade. Antes de as cortinas da criação serem abertas, o Guia Verdadeiro é confiado com o ginân e é-lhe conferida a tarefa de chamar todas as almas a um reconhecimento deste conhecimento supernal. Ao atravessar o ventre, a alma é tocada por esse ginân e, neste estado de perfeita consciência, jura um pacto sagrado com o seu Senhor, reconhecendo-o como o supremo. Mas após nascer, atordoada pelos encantos do mundo, esquece-se do seu pacto e da gnose com que foi dotada. No entanto, se ela for receptiva, nas profundidades da sua existência, ouve a música celestial do Grande Gnóstico. Fica então nostálgica pelo seu lar e deseja regressar. Assim, ela procura a companhia do Guia Verdadeiro, o dono do ginân.

O Guia ordena a obediência absoluta e total. Mas, o ego da alma revolta-se e cega-a à Verdade. Eventualmente, o amor conquista este sentido de ser e torna-se no tapete de oração da alma. O guia ensina a alma a procurar o ginân escondido dentro de si. A sua companhia transforma a alma enquanto esta absorve o perfume do seu ginân, assim como as árvores *nimb* se tornam perfumadas na presença da árvore do sândalo.

A alma então descobre que tal como as pérolas que estão escondidas nas profundezas do mar, a verdadeira gnose está escondida nas profundezas dos ginãs. É aqui que o tesouro do conhecimento esotérico se encontra. Se o significado esotérico dos ginãs, o seu *bātin*, é penetrado, eles revelarão conterem um oceano infinito de conhecimento. Aqueles que lêem, sem investigar o significado profundo são como os burros que transportam carregamentos de madeira de sândalo perfumado - o que é que eles sabem sobre a preciosa carga que suportam? Por isso, os ginãs são dirigidos ao mundo dos espíritos, porque estas composições inspiradas têm origem no mundo nobre.

O Ginân é essencial para a busca espiritual. Quando é aplicado à Palavra mística a lamparina dentro da órbita da gnose resplandece com uma luz brilhante. Mas a luz que emana dos ginãs não é uma luz comum, é uma Luz Divina. O próprio Amado habita dentro

⁸⁹ *Brahm Prakāsh*, e. 71.

dos gināns. Como uma expressão da gnose suprema, os gināns ajudam-nos a compreender Aquele que está além de toda a compreensão. Isto não é um produto das suas palavras aparentes, mas sim das profundezas de significado esotérico contido nelas. Tal qualidade permite-lhes transformar a alma receptiva, assim como a lendária pedra filosofal transforma um metal básico em ouro. São, portanto, ambrosia celeste, o néctar místico que ressuscita os mortos para uma vida eterna. De facto, para morrer a morte da Verdade e ser ressuscitado para uma vida de ginān significa jamais provar a morte de novo.

É assim que os gināns se definem. Uma vez que o seu significado interno é entendido, o Guia Verdadeiro estabelece o seu lugar no seio do coração. Embora o pano tenha descido após o concerto e só o silêncio permaneça, os sussuros dos acordes de música celestial continuam a ser ouvidos e a eterna Sinfonia da Gnose continua tocando...

Referências Bibliográficas

Todos os ginān citados neste estudo provêm das edições Khojkī com base no texto original estabelecido pela primeira vez por Mukhī Lāljbhāi Devrāj e seus associados no início do século XX. Uma versão ligeiramente modificada da ALA-LC Tabela de Romanização do Gujarate foi usada para transliterar o texto Khojkī. Praticamente todas as publicações posteriores dos gināns pela comunidade ismaelita de transliterações em gujarate, urdu, inglês, francês e espanhol são baseadas principalmente nestes textos. Entre os volumes produzidos havia seis livros de aproximadamente 100 gināns cada. As referências às composições contidas nestas colecções incluirão o incípito como título equivalente, seguido do número do livro, a página em que o ginān começa, e a estrofe (e.) ou estrofes (ee.) específicas ao qual aludem. Fórmulas que ocorrem frequentemente no início de muitos gināns, tal como as expressões *ejī* e *jīrebhāi*, são omitidas no título mas expressões menos comuns, como *abadhu*, são mantidas. Assim, uma citação como a *Sarave jīvuṃṇā jāre lekhām lese*, vol. 2, p. 34, est. 173-175 refere-se às estrofes 173 a 175 do ginān *Ejī Sarave jīvuṃṇā jāre lekhām lese* que começa na página 34 da segunda colecção de 100 gināns. Os gināns mais longos com títulos individuais, conhecidos como *granth*s, são apenas citados pelo nome e estrofe, canto (c., cc.) ou, no caso dos que contêm prosa, por página. Assim, o *Man Samajāṇī*, c. 303 refere-se ao canto 303 do *granth Man Samajāṇī*.

Seque-se a informação bibliográfica dos textos Khojkī citados neste estudo. As datas são da era cristã, a menos que sejam marcadas VS, para indicar a era *Vikamāditya Saṃvat*. Atribuições de autoria dos gināns citados neste trabalho são registrados como aparecem nos textos recebidos.

100 *Ginānanī Chopadī*. Livro 1., 5ª ed., 1990 VS/1934; Livro 2., 5ª ed., 1993 VS/1936; Livro 3., 5ª ed. Mumbai, 1991 VS/1935; Livro 5., 4ª ed. Mumbai, 1990 VS/1934; Livro 6., 4ª ed. Mumbai, 1989 VS/1933.

102 *Ginānanī Chopadī*, Livro 4., 3ª ed. Mumbai, 1968 VS/[ca. 1912].

Brahm Prakāsh, no *Bujanirījanabaramaparakāsh*. Mumbai, 1905.

Man Samajāṇī. Não há informação disponível sobre a publicação.

Muman Chit Varāṇī [também conhecido como *To Munīvar Bhāi Nānī*]. [Mumbai], 1904.

Muman Chit Veṇī [também conhecido como *To Munīvar Bhāī Moṭī*]. [Mumbai], 1905.

Pīr Hasan Kabīradīn ne Kānipāno Samvād. Mumbai, 1905.

Sat Varaṇī Moṭī. Não há informação disponível sobre a publicação.

Sat Varaṇī Moṭī nī Vel [também conhecido como *Sat Veṇī jī Vel*]. Mumbai, 1962 VS/1905.

Sat Veṇī Moṭī, em *Sataveṇī vadī tathā niṇḍhī tathā sī harafī*. Mumbai, 1959 VS/[ca. 1903].

Sat Veṇī Nānī, em *Sataveṇī vadī tathā niṇḍhī tathā sī harafī*. Mumbai, 1959 VS/[ca. 1903].

Saloko Moṭo em *Saloko moṭo tathā nāno*. Mumbai, 1904.

Saloko Nāno em *Saloko moṭo tathā nāno*. Mumbai, 1904.

Surabhāṇ nī Vel, em 5) *Girathane Ginān*: 100, vol. 1. Mumbai, 1966 VS/[ca.1910].